

# O LIVRO DOS ACIDENTES

CHUCK WENDIG

Traduzido por: Livia Pacini



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

## ZUMBIDO NO OUVIDO

**E**ste era Oliver:

Um garoto de 15 anos, ajoelhado no chão, queixo afundado no peito, antebraços pressionando as orelhas, dedos agarrando com força um tufo do cabelo bagunçado na nuca. Seus ouvidos zumbiam com fúria — não como as badaladas de um sino, mas como um ruído estridente, como a broca de um dentista. Ao lado dele: armários amarelos. Do outro lado: um bebedouro. Acima: uma cascata luminosa e fluorescente. Em algum lugar à frente, ouviu-se dois disparos, *bang, bang*. Cada tiro fazia seu coração acelerar. Em algum lugar atrás dele, havia o burburinho e o murmúrio dos alunos passando de sala em sala em busca de abrigo. Na cabeça de Oliver, todos estavam mortos. Imaginou os professores mortos, o piso tingido de sangue, miolos na lousa. Imaginou os pais aos prantos no noticiário, o suicídio dos sobreviventes e os lamentos e orações dos políticos indiferentes — via a dor como uma marola que ia se transformando em onda, que se juntava a outras ondas e viravam tsunamis, agitando-se num vaivém sobre as pessoas até que todas se afogassem.

Uma mão o agarrou pelo ombro e o sacudiu. Ouviu uma palavra como se estivesse dentro de um aquário — o seu nome. Alguém estava chamando.

— Olly. Oliver. Olly!

Ele se balançou sobre os calcanhares para se aprumar, sentando-se quase ereto. Era o Sr. Partlow, o professor de biologia.

— Ei, a simulação está quase acabando, Oliver. Você está bem? Venha, vamos para...



Mas então o professor o soltou e deu meio passo para trás. O Sr. Partlow olhou para o chão — não, não para o chão. Para Oliver. Oliver deu uma espiada também. Sua roupa estava molhada entre as pernas. Trilhas de líquido escorriam pela calça. À frente, viu alguns alunos se reunirem e o encararem. Landon Gray, que se sentava atrás dele na sala de aula, parecia triste. Amanda McInerney, que estava em todas as peças, no coral e no grêmio estudantil, fez uma careta e soltou uma risadinha.

O Sr. Partlow o ajudou a se levantar e o tirou dali. Oliver enxugou as lágrimas do rosto, lágrimas que ele nem sabia que tinha derramado.



Amostra

## O ADVOGADO

**E**ste era Nate:

Naquele mesmo dia, Nate estava no escritório de um advogado, em Langhorne. O advogado era rechonchudo e pálido como uma larva de besouro. Na janela do escritório, um ar-condicionado resmungava e rosnava, de modo que o homem precisava levantar a voz para ser ouvido.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu o advogado, Sr. Rickert.

— Uhum. — Nate tentava não fechar com força as mãos tensas. Tentava, mas não conseguia.

— Seu pai está doente — falou o advogado.

— Que bom — respondeu Naté sem titubear.

Rickert se inclinou para a frente.

— É câncer. Câncer colorretal.

— Tá bom.

— Ele vai morrer logo. Muito em breve. Está sob os cuidados paliativos de um asilo.

Nate encolheu os ombros.

— Tá bom.

— Tá bom... — repetiu o advogado, e Nate não entendeu se o homem estava surpreso com a reação ou se já estava preparado. — Sr. Graves...

— Sei que você espera que eu esteja abalado com a notícia, mas não estou. Nem um pouquinho. Meu pai era, ou é, penso eu, uma pessoa desprezível. Não sinto um pingo de amor por ele. Só tenho ódio e repulsa por aquele



monstro em forma de homem e, verdade seja dita, sonho com este dia há quase vinte anos, talvez mais. Já imaginei como seria. Pedi a qualquer deus que quisesse me ouvir para que meu pai, esse ser humano asqueroso, tivesse uma morte lenta e dolorosa, que não fosse súbita, que ele não partisse do mundo em um passo. Não, ao contrário: que fosse uma maratona lenta e trôpega... uma corrida descoordenada, ele manchando a pista com sangue dos pulmões, se afogando nos próprios fluidos, com algum tipo de *bolsa* grudada nele para guardar sua própria mer... sua própria porcaria. Que a bolsa se rompesse ou saísse do lugar sempre que ele se mexesse para ajeitar o corpo moribundo e cadavérico. Sabe de uma coisa? *Torci* pra ser câncer. Daqueles persistentes que se alastram pelo corpo, não um rápido como o de pâncreas. Um câncer que o devorasse e arruinasse por dentro, assim como ele fez com a nossa família. Câncer por câncer, olho por olho, dente por dente. Achei que seria câncer de pulmão, pois ele fumava que nem uma chaminé. Ou de fígado, pelo tanto que bebia. Mas câncer colorretal? Posso aceitar. Ele era, de fato, uma bosta humana. Então é isso, é um fim adequado para aquele saco de excremento subumano e tóxico.

O advogado piscou os olhos. Reinava um silêncio retumbante entre eles. Rickert contraiu os lábios.

— Já terminou o monólogo?

— Vai pro inferno. — Nate fez uma pausa, arrependido por descontar a raiva naquele homem, que provavelmente nem merecia isso. — Sim, já terminei.

— Esse discurso não me espanta. Seu pai me alertou que você diria essas coisas. — Ele deu uma risadinha estridente e gesticulou com as mãos. Seus dedos pareciam mariposas voando. — Não exatamente *essas* coisas. Mas a essência era essa.

— Vamos direto ao ponto. Por que estou aqui?

— Seu pai, antes de morrer, quer propor-lhe um acordo.

— Nada de acordos, não importa o que seja.

— É um acordo vantajoso para você. Não quer ouvir?



— Não. — Nate se levantou, chutando a cadeira atrás dele, que estremeceu de modo mais ruidoso e agressivo do que pretendia, mas já estava feito, e ele não pediria desculpa.

Nate deu as costas para ir embora.

— É a casa — disse o advogado.

A mão de Nate parou na maçaneta.

— A casa?

— Isso mesmo. A casa da sua infância.

— Ótimo. Ele pode deixá-la para mim no testamento.

— Não está no testamento. Ele quer vender a casa para você. A casa e os treze acres de terra em volta dela.

Nate deu de ombros.

— Desculpe, não tenho dinheiro para isso.

A casa, como o advogado mencionou, onde Nate passou a infância, ficava em uma área que, ao longo dos anos, havia valorizado muito, o condado de Upper Bucks. Antes era tudo pasto e pântano, mas hoje em dia os preços estavam nas alturas, os impostos subiam e os ricos vinham da Filadélfia ou de Nova York. A gentrificação não acontecia só nos bairros decadentes do centro.

— Diga a ele que venda, então. E pode usar o dinheiro para comprar um belo de um caixão.

— Com certeza cabe no seu bolso: custa um dólar.

Nate espremeu os olhos em direção a Rickert. Ele passou a mão pela barba e se contraiu.

— Um dólar?

— Isso mesmo, um dólar.

— Se eu entendi direito, a ideia é que eu evite alguma coisa... tipo, evasão fiscal? Pago um dólar e me livro. Uma transação sem encargos.

— A ideia é essa.

Nate assentiu com a cabeça.



— A ideia é essa... sei. Sou policial. Não estou tão por dentro de crimes de colarinho branco, costumo lidar mais com roubos e furtos, mas sinto o cheiro de falcatura de longe. O velho simplesmente poderia me dar a casa e já estaria de bom tamanho. Ou ele a deixaria como herança, como acontece na maioria dos casos. Eu só ficaria devendo imposto se a vendesse e ganhasse mais dinheiro do que o valor justo de mercado. Mas, me corrija se eu estiver errado, significa que, se eu comprar a casa por um dólar e vendê-la por qualquer valor acima disso, terei que pagar imposto de renda sobre ganho de capital. Correto?

Um sorriso descontente despontou por entre as bochechas rechonchudas do advogado.

— Provavelmente sim. A receita federal sempre quer abocanhar a sua parte.

— Não vou comprar a casa. Não vou comprar nada que o velho esteja vendendo. Não compraria um copo d'água dele nem se eu estivesse morrendo de sede. Não sei qual é a jogada dele, só sei que deseja me empurrar goela abaixo uma casa que não quero. Por favor, diga a ele para pegar esse acordo e enfiar no rabo fétido e canceroso dele.

— Posso transmitir o recado. — O advogado se levantou e ofereceu a mão em cumprimento. Nate olhou para ela como se o homem tivesse acabado de assoar o nariz sem um lenço.

— O acordo fica de pé até que Carl venha a falecer.

Nate saiu pela porta sem dizer mais nada.



## A CAIXA TEM OLHOS

**E**sta era Maddie Graves:

Tinha cabelos curtos, prateados como a névoa — tingidos assim, pois achava que ficava legal (e tinha razão). Ela era alta e esguia, com braços e pernas esbeltos, como cabos de uma ponte estaiada. Sobre seu trabalho: Maddie, ou Mads, era escultora. Trabalhava principalmente com materiais encontrados por aí. E era exatamente o que estava diante dela agora: uma caixa de papelão, essas da Amazon, cortada com um estilete de precisão e reconstituída na forma de um homem pequeno com cara de caixa e corpo de caixa. Fixou os membros de papelão do Homem-Caixa ao corpo com o fio roubado de uma velha cerca de arame, trançado com um alicate de ponta fina.

Em uma das mãos do Homem-Caixa, Maddie colocou o estilete. Como se ele fosse um monstrinho, um boneco Chucky ameaçador, pronto para apunhalar e esfaquear qualquer um. Ela o *encarou*. E olhou mais um pouquinho. E depois mais um tanto.

— Que porra!

Atrás de Maddie, outros artistas trabalhavam diligentemente em projetos — mesas, cavaletes, notebooks — na colmeia movimentada que era a cooperativa de criação artística. Entre eles, uma amiga sua chamada Dafne (uma vovó punk, toda caminhoneira, 55 anos, com alargadores de acrílico de 25 mm nas cores do arco-íris, um piercing no septo com formato de osso de cachorro, uma camiseta desfiada em franjas com estampa de podcast nerd e botas militares manchadas com jorros de tinta de todas as cores) parou empoadada atrás de Maddie, com as mãos nos quadris.

— Qual é?



— Eu, ahhh... — Maddie começou a falar, mas parou.

— Vejo que é um pouco clichê, se essa é sua preocupação. Tipo, enquanto crítica ao capitalismo, é um pouco simplista. Tipo, tá bom, a Amazon é uma grande varejista online que está destruindo o mundo, mas é um alvo meio batido. Além do mais, é, acho que você consegue fazer melhor do que botar uma faquinha na mão dele, não é mesmo? — Dafne abaixou a voz e sussurrou. — Quer dizer, *eu* ainda compro na Amazon às vezes, sei lá.

— Não. Não! — disse Maddie, franzindo a testa. — O problema não é esse. É que... são muitas coisas. Tem algo errado. Tem alguma coisa estranha com esse boneco.

— Não tem nada de errado com a estranheza.

— Tipo... — Ela engoliu em seco. — Ele não é só estranho. É muito louco.

— Loucura é minha especialidade. Eu tomo lítio. Qual é o lance?

Maddie soltou um risinho.

— Tudo bem. Tá vendo esses olhos?

Ela apontou com o alicate para os olhos do Homem-Caixa, que eram de arame, como o resto, enrolados como centopeias de metal e delicadamente parafusados na caixa.

— Tô sim.

— Não fui eu que fiz.

— Não fez o quê?

— Os olhos.

— Como assim você não fez os olhos?

— É isso que tô tentando te falar, cacete! Não coloquei olhos na caixa. Pelo menos, não me lembro de ter colocado. Não é estranho?

Dafne encolheu os ombros e resmungou, brincalhona.

— Meu bem, se não me lembro do que comi no café da manhã, você acha que vou me lembrar do que estou pintando? Eu entro no estado dissociativo de Bob Ross. É como ASMR ou alguma merda alucinógena hipnótica. Meu cérebro apaga, meu braço começa a dançar com o pincel e pronto.



Maddie mordeu os lábios com uma força de quase arrancar sangue.

— Mas *eu* não sou assim — esclareceu. — Sabe, gosto de estar no controle. Eu sei disso. Cada movimento, cada peça, tem um significado. Juro que não coloquei esses olhos aí.

*E juro por Deus que eles estão olhando diretamente para mim.* Não era só isso. Havia outras coisas incomodando Maddie. A maneira como os olhos pareciam *encará-la*. E ela também tinha certeza de que o que deveria estar na mão do Homem-Caixa não era uma lâmina, e sim uma tesoura. Alguma coisa nele parecia familiar, mas de um jeito sinistro. Como se ela já tivesse visto aquilo antes. Como se já tivesse *feito o Homem-Caixa* antes. Ela balançou a cabeça. Aquilo era loucura. Estava mexendo com caixas e agora estava totalmente fora da caixinha, tresloucada, maluca.

— Tá, concordo com seu ponto de vista sobre o capitalismo.

— Capetalismo.

— Tá bom, *capetalismo*.

O celular dela vibrou com uma chamada, interrompendo-a.

— Aff, quem é que faz ligações hoje em dia? — perguntou Dafne, olhando com desdém para o dispositivo na mão de Maddie.

Na tela do celular: ESCOLA RUSTIN.

— É da escola do Olly — disse Maddie, apreensiva.

Ela atendeu, sabendo na hora, com aquele sexto sentido de mãe, que tinha acontecido alguma coisa.



## A CONVERSA

**O**liver ouvia seus pais conversando atrás das paredes do apartamento em que moravam na cidade. Era meia-noite, e eles deviam achar que o filho já estava dormindo. Afinal, ele estava exausto. Mas não conseguia parar de pensar. E seu coração também estava acelerado.

Pai: *Não sei não, Mads. Ele é... eu não sei.*

Mãe: *A Dra. Nahid disse que ele é empático.*

Pai: *Não gosto dessa palavra. Me parece patético, e ele não é patético.*

Mãe: *Ninguém disse que ele é patético, Nate. É só uma palavra. Fique com empatia, se preferir. Ele sente, tipo, uma compaixão muito intensa, entendeu? O sofrimento de outras pessoas acende uma lâmpada no seu cérebro.*

Oliver se perguntava: ele era patético? Pois, sem dúvidas, se sentia assim. Estava naquela metade do caminho entre uma coisa e outra, aquela fase mal-acabada da adolescência — os membros um pouco desengonçados, um nariz que detestava por ser muito longo e pontudo, um queixo que odiava por ser muito liso. Enquanto a mãe exibia fios platinadíssimos e o pai tinha cachos desgrenhados cor de areia, seu cabelo era escuro como a asa de um corvo. Ele não tinha namorada. Gostava de meninas — e de meninos também, embora nunca tivesse contado a ninguém. Nunca tinha transado com ninguém. E não sabia se um dia transaria: a ideia parecia mais assustadora do que empolgante.

Oliver tinha uma quedinha por Lara Sharp, porque ela era nerd e bastante extrovertida — ele adorava ver que ela não levava desaforo para casa. Lara lembrava sua mãe. Ele se deu conta do quanto isso era repulsivo, o fato



de querer ficar com alguém que lembrava sua mãe, mas as coisas não eram bem assim — ele gostava de seus pais. Muito. Eles eram bons pais, e Olly gostava de pensar que ele era bom *para* eles. Tanto faz. Seja como for, não importava. Impossível Lara Sharp querer ficar com ele. Ainda mais depois do que tinha acontecido hoje.

*Não sei, Mads. Coitado, ele... ele se mijou inteiro...*

*Nate, aquela simulação de segurança é assustadora pra cacete. Eles atiram com armas de verdade e...*

*Mas são balas de festim.*

*E daí que são balas de festim? Você está acostumado a ouvir disparos, você é policial. Mas as crianças não. É um trauma. É um trauma horrível, não é de se admirar que ele não tenha dado conta. Eu provavelmente mijaria nas calças também.*

*Não ouço tantos disparos assim, Mads. Sei que você acha que ser policial é perigoso, mas, na maioria das vezes, não é bem assim. Mas não é só isso. Olly quer saber o que acontece com cada morador de rua que encontra, o nome deles, como foram parar nas ruas, quer dar dinheiro pra eles.*

*Isso é uma coisa bem legal da parte dele, Nate.*

*Eu sei. É sim. E fico contente que ele se importe. Mas ele passa do ponto. Engole muito sapo. Já é bem difícil se sentir sozinho no mundo, que dirá sem nenhum escudo. Ele sente na pele o sofrimento das pessoas...*

Nessa altura, as vozes ficaram abafadas por um momento. Os pais falavam baixinho ou conversavam enquanto andavam. Ele ouviu a mãe dizer que *falou com a Dra. Nahid...*

Nahid. Sua terapeuta. Já se consultava com ela havia seis meses. Oliver gostava dela. Ela tinha uma fisionomia austera — um rosto anguloso como se alguém abrisse uma gaveta cheia de facas e jogasse tudo no chão —, mas era tão branda com ele, sempre o tratando com gentileza e em pé de igualdade. Oliver nunca sentiu condescendência ou algo assim da parte dela, muito menos julgamento. Porém, papai estava certo. Oliver não tinha defesa, escudo, armadura. Ele sentia a dor das pessoas — literalmente conseguia enxergar a dor, *senti-la* como uma estrela negra pulsando. Algumas vezes, era uma dor leve e aguda, outras, era como um gêiser de moléstia



jorrando de dentro de uma pessoa. Sentia o medo, o trauma e as preocupações dos outros. Tudo era compartilhado com ele. E ele não conseguia se desvincular.

A mãe continuou: *Então, sei que hoje é o pior dia do universo pra tocar nesse assunto, mas como o seu pai está morrendo e tem a proposta da casa...*

Espera um pouco, o avô de Oliver estava morto? Não tinha contato com o avô. Nem sequer o conhecia. Oliver desconfiava que a mãe também nunca o conhecera, e era muito raro o pai falar sobre o avô — será que ele tinha morrido?

*Mads, é sério isso?*

*Certo. Eu sei, é loucura. Mas acompanhe o meu raciocínio...*

*Não quero nem pensar nisso. Muito menos falar sobre esse assunto. Não. Não!*

*É o condado de Bucks. Tem uma rede incrível de escolas. Bons empregos, ar puro, além da antiga casa de seus pais em um terreno enorme, doze acres.*

*Treze acres. Treze não dá sorte.*

*Seria ótimo pro meu trabalho também, Nate. Eu poderia montar uma oficina, ter todo o espaço de que preciso. Além do mais, você sempre falou que conhece gente do Departamento de Proteção à Fauna. Seria um trabalho melhor do que ficar perambulando nas ruas desta cidade de merda. Você vive dizendo que os policiais mudaram, que ficaram mais cruéis, ou até coisa pior. E Nahid também disse que a natureza pode ser uma boa pra ele, e sair da cidade...*

*Meu Deus, Mads. Que saco isso, isso é loucura.*

*Querido, meu amor. Nate. Sei que é difícil. Seu pai era...*

*Era não, é. Ele ainda está vivo e é pior do que você pensa, Maddie. Um narcisista, um sociopata, um desgraçado abusivo...*

*Sim, claro, mas...*

*E você nunca o conheceu. Você não sabe, não mesmo.*



*Mas ele vai morrer. Você não entende? Já, já ele vai estar a sete palmos abaixo da terra, e aquela casa pode ser nossa. Você pode arrancar alguma coisa boa dele: sair desta cidade, aliviar um pouco do peso das costas do nosso filho, arranjar um novo lugar pra eu trabalhar, eu, sua querida esposa. Por que não aceita? Talvez, quem sabe até essa seja a forma que o seu pai...*

*Nem pense em dizer isso. Sei que você adora ver o lado bom das coisas e das pessoas, mas não. Aquele homem não tem nenhum lado bom. Só tem trevas dentro dele.*

*Você poderia falar sobre isso algum dia.*

*E reviver tudo? Ou te obrigar a suportar aquela merda? Não, obrigado. acredite em mim quando digo, não tem nenhum lado bom em nada. É como a fábula do escorpião e do sapo: o escorpião sempre dá a sua ferroada.*

*Certo. Tá bom. Mas as coisas não precisam ser assim.*

*Por Deus, Mads! É o que o sapo da fábula diz todas as vezes!*

*Ele vai morrer. Que mal ele pode nos fazer?*

*Não sei, Mads. Olly não vai querer se mudar. Ele gosta da escola...*

Era verdade. Oliver gostava da escola. A Rustin era uma escola particular quaker na cidade, e era pequena, mas, depois de hoje, ele conseguiria ficar lá? Oliver não queria voltar. Não queria nem dar as caras por lá. Então, jogou as cobertas para o lado, abriu a porta e caminhou descalço até a cozinha. Encontrou os pais, cada um encostado em uma bancada oposta, olhando-se com reserva. Antes mesmo que percebessem, disse:

— Ouvei toda a conversa. Vocês se esquecem de que este apartamento é pequeno e tem paredes finas.

Os pais lhe lançaram um olhar de *pânico* e se entreolharam. Sentiu que o sofrimento tomava conta do pai e emanava de seu âmago, ganhando contornos cada vez maiores. Pulsava e pulsava sem ceder. O pai costumava represar aquilo atrás de um muro invisível, mas, esta noite, parecia que as barreiras haviam se rompido, liberando uma besta-fera mortífera que escapava da sua jaula. Sentia também a dor da mãe, mas esta parecia controlada. Ou, pelo menos, *contida*.



Na experiência de Oliver, o sofrimento era diferente para cada pessoa; para algumas, era uma bola compactada, para outras, um incêndio caótico. Em certos casos, o sofrimento podia ser como um maremoto, em outros, como veneno correndo nas veias ou um hematoma que se irradia pelo corpo, uma sombra na água. Ele *não compreendia o significado daquilo ou* por que fora amaldiçoado com tal capacidade, mas conseguia ver o sofrimento alheio desde que se entendia por gente. E como detestava isso! No entanto, às vezes também era útil.

— Ei, amigo. — Mãe começou a falar, mas Oliver a interrompeu.

— Quero mudar. Ouvi tudo o que vocês conversaram e quero ir.

— Tem certeza? — perguntou o pai.

Olly fez que sim.

— Tenho. A cidade é... difícil. — Era mesmo. O barulho, aquelas luzes, o zumbido ininterrupto. Mas o pior de tudo eram as pessoas. As pessoas eram boas, mas e a dor que ele enxergava? Estava em *toda parte*. Era tanta dor que Oliver se sentia asfixiado, como tinha acontecido durante a simulação mais cedo. O sofrimento o envolvia como uma onda, todos os dias, e estava ficando cada vez pior. Ele só queria dar uma *amenizada* naquilo. Talvez a mudança trouxesse um alívio. Quem sabe.

Nate forçou um sorriso e disse:

— Tudo bem, filho. Tá bom.

Estava decidido. A família Graves se mudaria.



## A ÚNICA CONDIÇÃO

**E**sta era a casa:

Era uma casa de fazenda em estilo colonial construída em pedra, cuja antiga estrutura datava do final dos anos 1700. Era alta, mas estreita, e projetava uma sombra profunda quando o Sol nascia atrás dela. A porta era vermelha, o telhado de duas águas que a encimava era turquesa. No entanto, a pintura estava desbotada havia muito tempo, descascando em pedaços leprosos. A passarela de pedra estava toda rachada e despedaçada, com ervas daninhas crescendo entre os vãos. Das janelas pendiam teias de aranhas, algumas velhas, outras novas. O telhado de ardósia estava em condições bastante precárias; muitas das telhas estavam quebradas e estilhaçadas. Os cabos de alta tensão estavam tomados por glicínias, e plantas trepadeiras, heras venenosas, esgueiravam-se pelo chão, como dedos tentando agarrar e derrubar a casa. A natureza queria aquela casa de volta.

As árvores pairavam ameaçadoras sobre a casa, e a casa pairava ameaçadora sobre Nate. Ele sentiu uma vertigem momentânea ao ver a porta vermelha diante de si, teve a sensação de que a porta estava se escancarando, a casa se inclinando em sua direção e a entrada se transformando em uma boca prestes a engoli-lo. Prestes a devorá-lo. Era uma casa com mau hálito e pesadelos.

Enquanto Nate contemplava a casa da sua infância, na qual não botava os olhos havia décadas, ouviu um barulho de motor e o estalo de pedrinhas sob pneus. O advogado, Rickert, subia pela longa estrada de asfalto rachado em uma BMW velha — uma interrupção bem-vinda. Ele estacionou a BMW ao lado do pequeno Honda que Nate suspeitava ser da enfermeira que cuidava de seu pai.



Rickert saltou do carro e caminhou tranquilamente até ele, segurando um envelope de papel pardo fechado com um cordão.

— Sr. Graves — disse.

— Rickert — respondeu Nate.

— Sua única condição foi atendida.

— Ele está aqui?

Rickert fez que sim, sem se abalar. *Ele também não gosta de papai*, percebeu Nate. O que fazia todo sentido; papai odiava advogados como odiava todas as outras coisas.

Nate enfiou a mão no bolso, tirando uma nota de um dólar amassada e quase desfeita. O tipo de nota que seria cuspidada daquelas máquinas que vendem salgadinhos. O advogado pegou o dinheiro e entregou-lhe o envelope. Nate deu uma espiada e viu um maço de papéis, os que ele já havia assinado alguns dias antes, um dia depois de Oliver dizer que queria se mudar, mais a escritura e um molho de chaves.

A porta da casa se abriu e, neste momento, a enfermeira do asilo — uma mulher de ombros largos e olhos bondosos, cabelos castanhos volumosos e uma expressão triste no rosto — apareceu.

— Nathan Graves? — perguntou.

Nate acenou com a cabeça, mas a corrigiu bruscamente:

— Nate. Nunca Nathan.

— Oi, Nate, sou Mary Bassett — disse, segurando a mão dele. — Sou a enfermeira do asilo. Sinto muito pela sua perda.

— Não sinta. Estou aqui para tripudiar, não para lamentar.

Um lampejo nos olhos da enfermeira o indicou que ela compreendia Nate. Ele imaginou que tipo de provação o velho a fizera passar na última semana de sua vida.

*O estrago que aquele velho desgraçado causava a cada passo de seu caminho...*

— Ele está lá dentro? — perguntou Nate.

— Está. Na suíte master, no segundo andar.



— Então gostaria de vê-lo.

Esta foi a única condição de Nate: dissera a Rickert por telefone, três dias antes, que aceitaria a oferta de um dólar se tivesse permissão para fazer uma pequena “inspeção” na casa, sozinho, depois que o pai tivesse falecido, mas antes de levarem o corpo embora. Seu pai, por meio de Rickert, concordou com a condição. E lá estava ele agora. Encarando o cadáver.

Nate já tinha visto um punhado de corpos quando era policial na Filadélfia — em certa ocasião, uma onda de calor havia matado uma idosa, transformando-a em uma coisa disforme, gordurosa e inchada, cheia de bolhas e secreções. Em outro momento, um inverno rigoroso ceifou a vida de um sem-teto, congelando-o em uma caçamba de lixo. Todas as mortes que tinha visto foram involuntárias — overdoses, acidentes de carro e, a pior das piores, três corpos carbonizados em um incêndio numa boate. A verdade sobre essas mortes também se manifestava ali: um corpo morto não tinha alma. Algo decisivo havia acontecido. Uma pecinha em falta transformava algo vivo em um boneco de cera.

A pele do velho estava solta por cima do esqueleto curvado, enrugada e amarelada, parecendo páginas molhadas de uma Bíblia. Os olhos estavam vidrados e a boca se estreitava, como se cada lábio fosse uma minhoca doentia tentando se agarrar à outra. Aquilo não era seu pai. Não mais. Era apenas um manequim.

Nate *esperava*, voltando a ver o pai, sentir uma indignação que daria lugar à fúria, uma explosão vulcânica que emergiria das profundezas do seu ser, uma onda de lava na garganta, um rugido incandescente de magma que não seria, que não poderia ser, contido.

*Achou* que ficaria exultante, como um garotinho quando os pais dizem que o monstro debaixo da cama foi embora, que na verdade todos os monstros foram degolados, que, de agora em diante, a vida seria só festa e passeios de carrossel.

*Receava* sentir tristeza — ver o pai pela última vez poderia abrir as comportas de algo escondido dentro dele, um reservatório de tristeza por testemunhar o velho naquele estado. Tristeza por nunca ter tido a infância



que pensava que teria. Tristeza por se questionar como o pai havia se tornado aquele homem.

Todavia, só sentiu um vazio. Um quadro-negro após uma limpeza, sem marcas de giz, reluzente e úmido. A *única* sensação que teve foi a de ser um intruso naquele quarto. O pai nunca permitiu que entrasse ali. Era proibido. Uma vez, Nate se esgueirou sorrateiramente e deu uma espiada, pensando que não seria pego, mas de alguma forma seu pai descobriu. Ele sempre sabia tudo. Captou a perturbação nas *moléculas do quarto* (as coisas não terminaram nada bem para Nate naquele dia. Ficou com hematomas por semanas a fio). Sentiu o estômago embrulhar por estar ali. Como se ele fosse ser pego de novo. Contudo, não cedeu ao sentimento. Não saiu correndo, embora quisesse.

O quarto estava diferente. Estava uma bagunça, um paraíso para acumuladores: um amontoado de revistas de armas na cômoda, montanhas de roupas sujas, algumas ratoeiras que nem funcionavam no canto (sem ratos), uma pilha de pratos imundos em uma mesa de cabeceira ao lado de um relógio Rolex falso e um despertador antigo, daqueles com duas campainhas de metal em cima. Não era daquele jeito quando Nate morava ali — mamãe mantinha o lugar impecável. Era função dela arrumar, e manter arrumadas, as moléculas do quarto, tudo pela satisfação do velho desgraçado.

Nate também já esperava que as armas do pai ainda estivessem ali: a .45 ACP na gaveta de meias, uma espingarda pump-action sob a cama, uma pistola derringer de dois tiros em uma caixa de sapatos no armário. E, se estavam ali, estavam carregadas. O pai era paranoico. Vivia dizendo que um dia alguém entraria na casa para roubar suas tralhas — aquele conjunto imaginário de medos e crenças típicos de racistas, como se um monte de homens negros ou mexicanos fizessem fila lá fora, na floresta escura, só para furtar os relógios falsos. *Um rei tem que defender o seu castelo*, o pai sempre dizia. Mas ele não era rei, e a casa estava longe de ser um castelo.

Mas uma coisa realmente surpreendeu Nate: o pai não havia se suicidado. Essa sempre foi a grande ideia. *Se um dia eu ficar doente, bem doente, boto uma arma embaixo do queixo e decido minha própria morte*. Foi algo que disse ao filho quando Nate tinha o quê? Doze anos de idade? Quem fala esse tipo de coisa a uma criança de 12 anos?



— Covarde — exclamou Nate, sem esperar nenhuma resposta.

Mas o pai deu um jeito de responder. Na cama, seu corpo enrijeceu, como se, de repente, a vida fizesse seus ossos estremecer. As costas do cadáver arquearam, os olhos se abriram do nada e o queixo se escancarou com um estalo, como sempre fazia. O rosto logo se contorceu em um ricto de puro tormento. O pai arquejou como o vento assobiando por uma janela quebrada, e surgiu um clarão absurdo de luz...

— Meu Deus! — gritou Nate, se afastando da cama.

E então ele viu o pai, *outra versão dele*, parado no canto do quarto. Impossível, mas ali estava: um pai deitado na cama, outro de sentinela no canto do quarto. O que estava no canto usava jeans sujos de lama, uma camiseta branca imunda e segurava uma pistola militar na mão esquerda, na mão errada. Ele estava encarando Nate — olhando para ele ou *através dele*, Nate não sabia ao certo, enquanto na cama jazia o cadáver que se esticava e enrijecia cada vez mais, a inspiração estridente mais alta e mais longa do que parecia possível.

— Nathan? — perguntou a versão de seu pai no canto, com a voz tão rouca que zumbia, como um exame escondido de vespas.

A porta do quarto se abriu de repente, e a enfermeira do asilo entrou apressada. Na cama, o corpo ficou fraco e mergulhou no colchão. Nate pisou, e a presença no canto, o segundo Carl Graves, havia sumido.

— O que houve? — perguntou a enfermeira.

— Eu... — Nate não conseguia responder. Ele passou por ela, desceu a escada estreita que atravessava a casa decadente e saiu pela porta da frente.

Nate vomitou no canteiro sufocado por ervas daninhas enquanto Rickert o observava.

— Isso se chama respiração agônica — disse Mary Bassett. Nate se sentou no para-choque de seu velho Jeep Cherokee. O gosto de vômito azedo deixava a língua escorregadia; seu coração ainda esmurrava no peito como um tambor.

A enfermeira estava de pé, com as mãos entrelaçadas.



— Às vezes, após o fim da vida, o corpo tem mioclonia, que são contrações ou espasmos involuntários, e, quem sabe, até mesmo um engasgo. É... um som horrível. Eu ouvi pela primeira vez na Universidade da Pensilvânia quando tentei reanimar um paciente. Nunca consegui esquecer.

Rickert estava ali perto, observando a conversa com uma curiosidade distante. Nate fungou.

— Papai está morto há o quê? Quanto tempo?

— Uma hora.

— Essa respiração acontece logo depois... — Ele escolheu o eufemismo. — “Do fim da vida”?

Ela deu de ombros.

— Não na minha experiência, mas a biologia é uma coisa esquisita.

— Tinha mais uma coisa — disse Nate. — Vi o meu pai, ele mesmo, parado no canto. Era ele, mas não era. Tipo um fantasma.

Mary fez uma cara triste e compassiva.

— É comum ver coisas. É um momento de muito estresse. Se te conforta pensar que viu o espírito dele, tudo bem. Se preferir imaginar que foi uma alucinação, tudo bem também. — Ela esboçou um sorriso. — Não existe resposta certa ou errada.

— Tá bom. — Nate assentiu. *Apenas uma alucinação*, pensou. — Obrigado.

A enfermeira se voltou para o advogado.

— Descartei todos os medicamentos e preparei o atestado de óbito. Posso ligar pra funerária agora, se preferir.

— Por favor — consentiu Rickert.

Ela pediu desculpas e se despediu de Nate mais uma vez. Em seguida, Mary Bassett se retirou.

— Você vai ao enterro? — perguntou Rickert.

— Ele já estava enterrado pra mim.

— Tudo bem. Vou cuidar de qualquer processo judicial de testamento. A herança não tem mais nenhum testamenteiro, caso queira saber.



— Eu não quero.

Rickert ficou lá, silencioso como as árvores naquele dia quente e sem vento de agosto. Por fim, disse:

— O que você vai fazer com a casa? Vender e dar o golpe dos ganhos de capital? Ainda dá pra conseguir uma grana.

— Uma empresa de leilões deve vir em alguns dias. O pessoal vai limpar tudo, vender o que der. Após uma semana... — Nate mal conseguia acreditar no que estava dizendo. — Vou me mudar com a minha família pra cá.

— Agora fiquei surpreso.

— Não tão surpreso quanto eu, Sr. Rickert. Não mesmo.



Amostra